

Ingleses vão negociar

Jornal de Brasília • 3

sem pré-condições

Londres — O presidente eleito Fernando Collor disse ontem de manhã aos banqueiros ingleses que será tudo ou nada no combate à inflação nos primeiros cem dias de governo. "stand or fall", disse Collor aos banqueiros. Ou seja, ou derruba a inflação e se firma no governo, ou não consegue enfrentar a inflação e cai. A tradução com este sentido das palavras do presidente eleito foi contada aos jornalistas pelo mais importante banqueiro presente na reunião, Kit MacMahon, o presidente do Midland Bank, o maior credor do Brasil na Inglaterra.

— Palavras são palavras, importa o que vou fazer nos primeiros cem dias, disse também, Collor, para explicar por que não estava fazendo pedidos ou propostas aos banqueiros, agora.

Os banqueiros ficaram muito impressionados com a determinação do presidente eleito de tomar medidas fortes e com rapidez.

— O presidente disse que vai usar os primeiros cem dias de governo para colocar o Brasil nos trilhos — informou o banqueiro.

Segundo Kit MacMahon, os banqueiros concordaram em recomençar as negociações livres da dívida externa brasileira a partir da "estaca zero" após a posse. Esta informação também foi considerada muito importante para o Brasil pela assessoria do presidente eleito.

— Será uma negociação sem pré-condições, apagando o passado, saindo do nada —, disse MacMahon, informando em seguida que os detalhes desta negociação não foram explicados no encontro com os banqueiros da City, o centro financeiro de Londres.

Segundo informações de fontes diplomáticas que participaram da reunião de Collor com os banqueiros, a maior preocupação do sistema financeiro internacional foi com a questão da inflação. Os banqueiros queriam saber como Collor vai combater a inflação, informou um dos participantes. Ao responder a indagação Collor informou, então, que será uma luta de morte nos primeiros cem dias e que o combate à inflação vai ser feito via redução do déficit fiscal, reforma administrativa e modernização da economia, raciocínio genérico que tem anunciado durante toda a viagem.

Os banqueiros, ao saírem da reunião, disseram ter achado Collor um homem de muita convicção e determinação.

— Ele sabe o que quer — disse um outro banqueiro, que informou ainda que Collor voltou a confirmar que na primeira semana de seu governo uma missão chefiada pelo ministro da economia começará nos EUA e na Europa a renegociação da dívida.

Da reunião com os banqueiros participou também a economista Zélia Cardoso de Mello, que se manteve muito discreta acompanhando o raciocínio do presidente eleito. Collor começou a reunião cumprimentando os presentes em inglês, mas durante todo o tempo falou em português. As respostas dos banqueiros não tiveram tradução porque o presidente eleito fala bem o idioma. Em nenhum momento, tomou-se café ou chá, não foi discutida a questão da dívida brasileira com o Clube de Paris e os banqueiros não falaram na

questão ecológica, um importante tema das conversas de Londres. O embaixador da Grã-Bretanha no Brasil, Michael Newington, presente à reunião, disse que o presidente eleito, de uma maneira coerente, defendeu as mesmas posições da campanha que o elegeu em novembro passado.

A reunião contou com a nata do mundo financeiro de Londres: Sir Kit MacMahon, presidente do Midland Bank, que falou aos jornalistas; W.C.L. Brown, do Standard Chartered Bank, Robbin Ibbs, vice-presidente do Lloyds Bank, e o representante do National Westminster Bank, Christopher Tugendhat. Pelo Brasil participaram, além de Collor de Mello, a economista Zélia Cardoso de Mello e o embaixador Marcos Coimbra.

Credores

A dívida do Brasil com a City Londrina, hoje, — ou seja, somente com os bancos privados — é de US\$ 10 bilhões, sendo que os maiores credores são o Lloyds Bank — US\$ 2 bilhões — e o Midland Bank — US\$ 2,1 bilhões. O governo brasileiro deve ao governo inglês cerca de US\$ 5 bilhões, mas esta dívida não foi discutida ontem.

Collor de Mello teve ainda alguns encontros importantes na manhã de ontem para discutir a questão econômica. O primeiro deles foi às 9h00, quando recebeu o governador do Banco da Inglaterra, que corresponde ao Banco Central brasileiro, Robin Leigh-Pemberton. Às 9h45, foi a vez do secretário de Comércio e Indústria, Nicholas Ridley. Nos dois encontros Collor apresentou as idéias gerais de seu programa econômico.